

## EM TORNO A SIMEÃO ESTILITA: DA POÉTICA ASCÉTICA À POÉTICA DA *FÉ*<sup>1</sup>

[AROUND SIMEON STYLITE: FROM ASCETIC POETICS TO THE  
POETICS OF *FAITH*]

Eduardo Campos

*Doutor em Filosofia pela UFRJ, Pesquisador colaborador do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicopatologia e Subjetividade (IPUB/UFRJ), participa também como pesquisador do Grupo de Pesquisa Phainomena (Laboratório Onsia), e do grupo de pesquisa Fundamentos fenomenológicos-existenciais de diferentes práticas em Psicologia (UERJ), é membro-relator do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil (IPUB/UFRJ), e Membro da Sociedade Brasileira de Estudos de Kierkegaard (SOBRESKI).*

*(E-mail: saltar@uol.com.br)*

*Para Marcos Érico, o frade menor da filosofia*

Recebido em: 19 de março de 2018. Aprovado em: 28/05/2018

---

<sup>1</sup> Este texto foi originalmente apresentado no I Encontro Internacional de Kierkegaard a partir do Nordeste na UESB em 2016. Porém, o texto permaneceu até então não publicado. A dedicatória foi originariamente proferida no evento.

Em torno a Simeão Estilita: da poética ascética à poética da fé  
CAMPOS, E. S.

**Resumo:** No percurso da construção da obra *Temor e tremor* de Kierkegaard, ocorre uma mudança de título e autor pseudonímico. Inicialmente, o livro seria chamado de *Movimentos e posições*, e o autor, Simeão Estilita, um ermitão do século V que passou parte de sua vida vivendo sobre um pilar. Essa mudança não parece ser despropositada, e se acompanharmos a dinâmica dessa mudança de título e autoria revelar-se-á um caminho novo para a interpretação de *Temor e tremor*, o que desbordará a fé como mera ascese e trará consigo o sentido mais radical da *solidão*. A poética exercida por Johannes *de silentio* é a poética daquele que educa ao ensinar a *ver* a vida através da recordação da solidão do “cavaleiro da fé”.

**Palavras-chave:** Fé. Solidão. Desprendimento.

**Abstract:** In the course of the construction of Kierkegaard's *Fear and trembling*, a change of title and pseudonym occurs. Initially, the book would be called *Movements and Positions*, and the author, Simeon Stylite, a fifth-century hermit who spent part of his life living on a pillar. This change doesn't seem to be unreasonable, and if we follow the dynamics of this change of title and authorship, it will reveal a new path to the interpretation of *Fear and trembling*, which will overflow faith as mere asceticism and bring with it the most radical meaning of loneliness. The poetics exercised by Johannes *de silentio* is the poetics of the one who educates in teaching to see the life through the memory of the loneliness of the "knight of the faith".

**Keywords:** Faith. Loneliness. Detachment.

**Em torno a Simeão Estilita: da poética ascética à poética da fé**  
CAMPOS, E. S.

A publicação de *Temor e tremor* em 1843, sob a verve de Johannes *de silentio*, deu-se envolta em hesitação. O título e o pseudônimo pensados inicialmente por Kierkegaard não seriam os já conhecidos, mas: *Movimentos e Posições* e, seu autor, Simeão Estilita, o Velho, um monge sírio do século V que viveu 37 anos em cima de uma plataforma erguida sobre um pilar, realizando exercícios em busca de equilíbrio “espiritual e físico”<sup>2</sup>. Suspeita-se que esse eremita, também conhecido como “o Velho”, seja aquele “velho” sortudo<sup>3</sup> que aparece no prólogo de Zaratustra, tão orgulhoso por odiar os homens e amar somente a Deus. Entretanto, não há prova cabal na historiografia de que se trataria da mesma pessoa. Mas, por ora, o que nos importa é que a mudança de plano operada por Kierkegaard não parece fortuita, e, por julgarmos significativa, não passará neste trabalho despercebida. Para tanto, não nos debruçaremos sobre os fatos; o que significa que o especialista em Kierkegaard não nos ajudaria a ver o texto. Pode até o bom senso, a acribia científica de um historiador da filosofia dar o remate ao dizer que se trata apenas de uma mudança objetiva a fim de atender aos apelos do interesse comercial de seu editor. Contudo, o pressuposto que susterá a nossa hipótese não será um dado factual, mas, talvez, algo até delirante. Tal delírio não é nenhuma extravagância do pensamento, mas somente a verve de uma leitura que não se inclina ao cânone dos elementos objetivos que perpassam a obra, ditando os rumos da leitura.

Se bem utilizados, o título e o pseudônimo, podem dar o *tom* de toda obra de um escritor, porque funcionam como um capítulo à parte e não de somenos para interpretação. A despeito de não sabermos quais seriam objetivamente as reais motivações de Kierkegaard a respeito da tal mudança, vale, contudo, o tentame da imaginação em captar aquilo que está apenas insinuado nessa mudança, para, talvez, sermos surpreendidos por uma nova chave interpretativa. Passemos, então, à análise, não para nos entregarmos simplesmente a uma especulação feérica, mas para recolhemos dela uma via fecunda para releitura do texto, tendo como contraponto a noção de *desprendimento* em Mestre Eckhart, a qual será comentada brevemente mais adiante.

Conforme indicado no título pensado inicialmente, existe em *Temor e tremor*, de fato, *movimentos e posições*. Há um *movimento* em Abraão, algo que nele se *move*, não apenas da ordem da *exterioridade*, como a subida performática ao Moriá, durante três dias e três noites, mas um

---

<sup>2</sup> Cf. Citação de nota de rodapé encontrada na recente tradução portuguesa de *Temor e tremor*, realizada por Elisabete M. de Sousa (KIERKEGAARD, 2009b, p. 46).

<sup>3</sup> "Deixai-me partir para que nada vos tire!" (NIETZSCHE, 2011, p. 13).

**Em torno a Simeão Estilita: da poética ascética à poética da fé**  
CAMPOS, E. S.

movimento de outra natureza que, em *verdade*, co-move-o na *interioridade*. Este mover é decisivo, e põe o pai da fé *posicionado*, situado na existência, atento ao apelo da tarefa de existir. *Posição* não é apenas situação geográfica, topografia, mas *ser* em uma *situação* crítica, colocando-se *todo* em uma decisão: pôr-se aí, existindo segundo uma tarefa, conforme o *vir a ser* que mantém o repouso (posição) a cada transmutação<sup>4</sup> (movimento): em cada *movimento* irrompe a tenacidade de uma *posição*. Cada posição é um *momento* do movimento, a concentração do todo na parte.

*Movimento* e *posição* não se excluem e nem se dão alternadamente, mas se mantêm sob o paradoxo de uma tensão vital. Talvez, aqui esteja insinuada a guinada para a mudança de título efetuada por Kierkegaard. Podemos entrevê-la através da seguinte questão: a ermitania do monge Simeão Estilita, e sua experiência de ascese sobre o pilar durante 37 anos, coadunar-se-ia com a vitalidade da fé que punge a existência de Abraão? A excentricidade do monge estilita e seu exercício de ascese não devem ser alvo de uma depreciação leviana – mas, por outro lado, não estaria aquém da *estatura* de Abraão? Apesar do esforço hercúleo de sua permanência sobre um pilar (durante 37 anos), erigido sob a *vontade* de livrar-se do mundo, viveu, no entanto, um tempo *menor* em relação ao tempo do *instante* decisivo de Abraão sobre o Moriá, porque a vontade do isolamento é uma sombra ineludível que nos acossa à medida que dela nos *esforçamos* para escapar. Da vontade não se escapa pela vontade.

O estilita está em uma *posição*, repousando sobre um pilar. Ele busca efetuar, pelo afastamento do mundo, uma elevação espiritual conforme a pertinácia de um exercício ascético. Deseja pro-mover uma liberação, o *movimento* do espírito, que costuma ser oprimido pelo corpo. Para tanto, busca um movimento espiritual que ocorra mediante a aquietação de um corpo posicionado sobre o pilar, inerte, calado. Em suma: quis chegar ao topo do Moriá sem escalá-lo. Ele conhece o *caminho*, conhece a *meta*, falta apenas *caminhar* – na verdade, sem *o caminhar* ele sequer conhece o que presume conhecer: caminho e meta. Por outro lado, em Abraão vemos outra experiência: há um chamado que o co-move, imprimindo imediatamente nele a tomada de uma decisão, uma *posição* atrelada inextricavelmente ao *movimento*. No trajeto do caminho, a todo instante, gira a roda da *posição* e do *movimento* sulcando na existência a experiência *inesperada* das três dimensões indissociáveis: caminhar, caminho e meta, que iniciam com o “Eis-me aqui” de Abraão: a prontidão do *ser-aí*. O “Eis-me aqui” é o *ser-aí* dito em primeira pessoa. Co-movendo-se no chamado, ele mostra que

<sup>4</sup> “Transmudando repousa – o fogo etéreo no corpo humano” (Plotino, *Enéadas*, IV, 8, 1.).

**Em torno a Simeão Estilita: da poética ascética à poética da fé**  
CAMPOS, E. S.

tem *espírito* suficiente para escutar e obedecer a tarefa de ser *corpo* existente, erguendo-se com musculatura<sup>5</sup> na existência. Essa musculatura se robustece desde de um *dentro*, que não se configura como o apoio de um núcleo duro, como a espessura de nenhum conteúdo objetivo/subjetivo, e, sim, o *vazio*, o *nada* de um despojamento frágil e acolhedor. O “Eis-me aqui” de Abraão indica essa condição *desprendida*. Sobre esta condição, diz Mestre Eckhart: “E agora pergunto pelo objeto do desprendimento puro. E respondo: o objeto do desprendimento puro não é isto nem aquilo. Ele assenta num puro nada, e vou dizer-te por quê. O desprendimento puro assenta naquilo que há de mais elevado” (ECKHART, 2006, p. 155). A virtude mais elevada para Eckhart é a pureza desse livre *nada*, desprendido e acolhedor. No acolhimento exercido por Abraão não há lugar para a exigência de qualquer vontade, pois o exercício da vontade consiste precisamente em se agarrar à coisa e não estar livre para poder desprender-se.

Na vontade há um querer que persegue uma meta pelo exercício de uma ação. Mas o *desprendimento* não persegue nada, não quer nada. No entanto, alguém poderia refutar essa máxima da disponibilidade dizendo que em Abraão haveria, sim, o exercício de uma vontade; pois o sacrifício perseguido durante três dias e três noites não seria um empreendimento da vontade? A resposta a esta refutação é simples: Abraão desempenha um movimento oposto e à contragosto. Isaac *já* é a *meta* conquistada ou a *promessa* de Deus sobre a qual Abraão se debruçara com gosto e de todo coração; e o *sacrifício no Moriá seria a morte da meta atingida*, por conseguinte, a *morte da vontade*; seria um freio posto nos esforços que a vontade empreende com vistas a um fim. No Moriá há uma parada abrupta da volição, a parada de um desejo que não quer nem mesmo voltar para o início, i.e., ter por meta o começo, o lugar antes do grito primal, como uma espécie de isolamento uterino que parece ser buscado nostalgicamente pelo asceta. Se problematizarmos que ainda assim há uma "vontade" presente no *parar*, querendo por termo à volição, esse querer é somente um *recolher* satisfeito que acolhe o que se doa durante a travessia *entre* começo e fim.

Em *A Repetição* existe uma *camada primária da interioridade* que se espessa com viço, vindo à superfície na forma de uma retomada *dobrada* do *espírito*. Mas somente depois que houve a

---

<sup>5</sup> A palavra “musculatura” tem aqui todo o sentido de uma existência que cresce, que ganha corpo, mostrando-se plenamente a que veio na realização de uma *possibilidade*. Talvez tenha sido a evidência dessa pujança existencial, que levou o pintor alemão Gerhard Wilhelm von Reutern a perfilar Abraão com um corpo nitidamente robusto. Obviamente, a robustez desse corpo não denota exatamente hipertrofia muscular, mas uma força existencial, uma saúde, a capacidade de viver pela fé em meio a fragilidade de um desamparo.

**Em torno a Simeão Estilita: da poética ascética à poética da fé**  
CAMPOS, E. S.

perda de tudo – tudo, inclusive de todos os filhos de Jó. Quando Constantius afirma que a repetição de Jó é uma *repetição no espírito* – pois os filhos que Jó perdeu, ele realmente os perdeu e não podem ser duplicados<sup>6</sup> –, isto indica que a *camada secundária da exterioridade* desfez-se ou perdeu-se como uma crisálida perde-se inteiramente em sua muda. Na transfiguração dessa muda, assoma, vem à luz a manifestação da *camada primária da interioridade*, espessando-se, tomando conta de toda face exterior: *eis que tudo se fez novo – repetição*. Este ciclo é o próprio movimento da fé que a cada ciclo torna a *vida* mais grave, mais nítida, mais simples.

Nesta mudança pressupomos que *camada primária da interioridade* da existência de Jó era quase inexistente, extremamente delgada. Mas em Abraão, a *camada primária da interioridade* já tem espessura desde o início, já tem *dentro*, já tem o desprendimento do nada, ou seja, já tem *vida interior*, e, por isso, ele é “herói da fé”. Na caminhada em direção ao topo do Moriá segue em crescente espessamento até ganhar *nova transparência*, em termos eckhartianos, até se *esvaziar* completamente. O sacrifício de Isaac é o toque final que faria *transparecer* a camada interior no exterior – quem vê uma vê a outra, quem vê a outra vê uma. O corte do sacrifício do peito de Isaac seria apenas a confirmação daquilo que já estava *firmado* pela fé, que se expôs completamente até atingir a transparência das camadas. Esta *transparência* indica que a *camada primária da interioridade* se tornou toda ela superfície – expôs-se. Na *repetição* de Abraão, essa *camada da vida interior* dá o tom de todo enredo de sua existência, desde o início até culminar no pratear do punhal erguido sobre Isaac. Em *A Repetição*, Jó possui uma camada externa, a *exterioridade*, em extrema espessura, e esta vai pouco a pouco, através do sofrimento, sendo descascada, *desprendida*. Em Abraão a transparência entre as camadas (interna e externa) expõe o *nada* do desprendimento, o nada constitutivo da *fé*.

Assim a única coisa que pode ser conseguinte à cena do sacrifício é a desistência de Deus mediante as camadas costuradas pela *transparência* dos fios da fé. E este *fiar transparente* quer dizer: uma *vontade desprendida*, a vontade que aprendeu corretamente a querer a *possibilidade*. E esta *correção* conquistada pelo absurdo da fé torna a vontade *à vontade, à mercê, ao sabor* da *vida* para acolhê-la como doação. A *vontade da fé* é a espontaneidade de um querer que se dirige em retidão à doação de uma *possibilidade*.

Em Abraão não há qualquer “sombra” de vontade, ele é todo um abandono que se *consuma* na execução de um *dever absoluto*. O estilita parece equivocar-se na compreensão do

<sup>6</sup> Cf. KIERKEGAARD, 2009a, p. 132.

**Em torno a Simeão Estilita: da poética ascética à poética da fé**  
CAMPOS, E. S.

que seja “morrer para o mundo”. Ao compreender “o morrer para o mundo”<sup>7</sup> como “apartar-se do mundo” transformou seu desejo em dever, converteu a vontade em hábito, em uma moral, cujo sacrifício pode ser admirado por todos. Usando as palavras de Johannes de *silentio*, poderíamos dizer que ele seria no máximo um herói, um *herói trágico*<sup>8</sup>. Mas Abraão é *herói da fé*, “o cavaleiro da fé”, cujo caráter é definido por uma dupla renúncia, ao desejo e ao dever, em face da *obediência* a um *deus absoluto*, pois sem poder se apoiar no universal, como faz o herói trágico, deve *permanecer em si próprio*, e “aí reside o terrível” (KIERKEGAARD, 2009b, p. 138) de uma singularidade ab-soluta, solta, livre, *desprendida*.

O movimento que Abraão realiza não é ascético, mas um deslocamento agudamente existencial que o insere pela fé na dinâmica de vida agravando-se cada vez mais como vida. Por outro lado, ele realiza, digamos, uma *contenção* ascética, uma privação típica da economia de força que antecede todo grande ato existencial. Abraão faz *ascese*, jejua, silencia, priva-se de falar, cala-se; e, quando ousa falar, limita-se a entregar-se aos cuidados da Providência, cuidados que encontra na *sorte* de sua maior consorte, a *fé* – a força que irrompe em meio a fragilidade do maior desamparo.

Seu ato não atrai multidões pela excentricidade de sua ação. Ninguém sabe, ninguém tem notícia de qualquer coisa que empreenderá. Todo movimento dá-se como a tarefa diuturna de um trabalhador que segue na jornada discreta de mais um dia de trabalho. Mas a discricção ordinária do ato esconde na *interioridade* o extraordinário da fé que move o pai de Isaac. Esse extraordinário é a paixão de *poder ser na angústia de uma possibilidade*. Por ser experiência fontal, o extraordinário da fé surge, não como um *dado*, mas, como diz Beaufret, comentando Kierkegaard, a *promessa de uma possibilidade*<sup>9</sup> que sempre já se deu para o homem. Abraão no Moriá é um *discípulo da possibilidade*<sup>10</sup> “colocado no meio das charnecas da Jutlândia” (KIERKEGAARD, 2013, p. 166). Isaac é esse *dado* na existência de Abraão, ou, nas palavras de Haufniensis, a “coisa finita”. Ele diz: “A angústia é a possibilidade da liberdade, só esta angústia é, pela fé, absolutamente formadora, na medida em que consome

<sup>7</sup> Cf. "Prefácio" de *Doença para morte* (1979a)

<sup>8</sup> Em *Temor e tremor* o que marca o caráter do herói trágico é a conciliação entre desejo e dever (relativo). Johannes de *silentio* apresenta Agamenon e Ifigênia como exemplares que mostram a conversão do desejo em um dever que exprime o universal.

<sup>9</sup> Cf. BEAUFRET, 1976, p. 16.

<sup>10</sup> “Toma o discípulo da possibilidade, coloca-o no meio das charnecas da Jutlândia, onde não ocorre nenhum acontecimento, onde o maior de todos os eventos é o ruidoso levantar voo de um perdigão: ele vivenciará tudo de modo mais perfeito, mais justo, mais profundo do que o que foi aplaudido no palco do teatro da história universal, se este não foi formado pela possibilidade” (KIERKEGAARD, 2013, p. 166).

**Em torno a Simeão Estilita: da poética ascética à poética da fé**  
CAMPOS, E. S.

todas as coisas finitas, descobre todas as suas ilusões" (KIERKEGAARD, 2013, p. 162). A angústia “consome todas as coisas finitas” assim como em Eckhart o *desprendimento* aniquila no homem um “eu” *cheio* de toda “criatura” (ECKHART, 2006, p. 152). “Coisa finita” é “criatura”, é *dado*. Isaac é para Abraão o que ainda lhe resta como “coisa finita”, “criatura”.

O alarido provocado pela excentricidade de Simeão Estilita é fruto de ascese; não necessariamente de *desprendimento*. A notícia de seu *feito* "extraordinário" pode ter feito dele um sábio, instaurador de um lugar de peregrinação, um ponto de exotismo turístico ou um lugar onde se pode encontrar benesses espirituais. Mas a recusa do mundo acaba trazendo a si, com máxima força, o próprio mundo do qual foge. Mas o *desprendimento* é a *inocência de uma ascese* que se passa subitamente no silêncio da *interioridade* como despedida de *si mesmo*, despedida de um interior duro, despedida que conduz o homem cada vez mais para o centro da cidade ou para o bulício de qualquer lugar; porque livre do/no mundo pode então estar nas esquinas do mundo para senti-lo sem ser por ele *possuído*.

O *desprendimento* do pai da fé tem a elegância de uma discrição: “sabe transformar em andamento normal o salto; exprimir o impulso sublime num passo terreno; eis o único prodígio de que só é capaz o cavaleiro da fé” (KIERKEGAARD, 1979b, p. 132). Seu prodígio é poder, no lugar mais ordinário, estar sempre acompanhado da *solidão* de um deserto – de um *nada* que o torna prodígio de toda *possibilidade*. No *desprendimento*, o que nele se perde, o que nele é despedida, o que nele é abandono é a sobra essencial da abundância fecunda e pródiga da fé. O sentido da prodigalidade da fé impede que seu *exercício* redunde no lamento do “cavaleiro da resignação”, pois o *perder* é o movimento que alimenta a experiência de existir alegremente na profusão inesgotável de uma penúria essencial. No *desprendimento*, o *perder* – *desprender* – é a única coisa que, sem a mediação da vontade, o *corpo* quer. Às voltas com o *poder* dessa querença, o “temor e tremor” de Abraão parece indicar o estupor da vontade, da consciência, do "eu" mediante o chamado absurdo da fé que atinge cabalmente a carne do *corpo*. Tal “carne” é a mera existência transformada em *corpo* existente, atingido pela possibilidade da fé. Esse *corpo é espírito*, e, por isso, crê-se na “ressurreição do corpo” quando se crê na *repetição do espírito* (KIERKEGAARD, 2009a, p. 132) após a travessia do Moriá.

Simeão Estilita não tem a estatura de Abraão nem pode descrever como Johannes *de silentio* o prodígio do pai da fé: porque, por um lado, não é *herói*, “a melhor essência” do poeta; e por outro, não é *poeta*, “a melhor essência do herói” (KIERKEGAARD, 2009b, p. 65-66).

**Em torno a Simeão Estilita: da poética ascética à poética da fé**  
CAMPOS, E. S.

O poeta não pode realizar o que cumpriu o herói, mas pode, como “gênio da recordação” (KIERKEGAARD, 2009b, p. 65), admirá-lo, lembrar-se dele e descrever a beleza da natureza do seu feito. O poeta Johannes *de silentio* apossou-se de Kierkegaard no lugar de Simeão Estilita, para assim poder escrever a façanha de *Temor e tremor*. Não podendo realizar o que o herói da fé realizou, o poeta pôde ao menos falar comoalaria se pudesse falar a “melhor essência do herói”. Abraão é um Himalaia, e, por isso, não pode falar de sua própria grandeza; mas dele pode falar o poeta, pois este traz em sua *identidade* de poeta a *diferença* do herói da fé, a sua melhor essência. *Movimentos e posições*, poderíamos dizer, não são “exercícios espirituais” de ascese, mas de *desprendimento*. *Movimentos e posições* asceticamente praticados sobre o “pilar”, ao modo de Simeão Estilita, são uma *representação*, um arremedo da fé, feito exterior *in abstracto*, falta de pulso, pulsão vital, de concreção de vida, de existência *in concreto*, de experiência real do paradoxo da fé. No “pilar” da ascese sobeja isolamento e falta *solidão*. No Moriá a todo instante a *solidão* resiste à *multidão*, rompendo com o universal<sup>11</sup>. Isaac é a relação de Abraão com o universal (Isaac, “coisa finita”, “criatura”), pois ele aponta não apenas o sentido da paternidade, mas também o da comunidade. A experiência do universal (Isaac) não permaneceu ao pé do Moriá. Ela subiu com Abraão três dias e três noites. Por esse motivo, no ermo da montanha, Abraão não esteve isolado, mas *só* em franca luta com o universal. Até que a “exceção”, o *singular*, “rompe no meio do universal” (KIERKEGAARD, 2009a, p. 136), fazendo dele o pai da fé, um *homem*, um *indivíduo singular*.

Johannes *de silentio* viu o *movimento* desse *tornar-se*; e viu por ser poeta, “a melhor essência do herói”. Johannes *de silentio* traz no próprio nome “a melhor essência do herói”: o *silêncio* – o *silêncio* de onde brota a *palavra*. E Abraão, por sua vez, traz silenciado em seu nome “a melhor essência do poeta”: a *palavra* – a palavra de onde brota o *silêncio*. Assim como *de silentio* é o epíteto do poeta Johannes, para o pai da fé seu epíteto poderia ser: *da palavra*, Abraão *da palavra*. A poética de Johannes *de silentio* é a *recordação* da *palavra* que se fez carne em Abraão. O poeta tem *saudade* de Abraão.

Toda filosofia é uma *filosofia da saudade*, porquanto seja a sua *recordação* a poética do não dito *eternamente* calado no seio de todo dito. Diferentemente da hesitação da nostalgia – a ansiosa dor pela palavra que não pode ser dita – salta com *coragem* do coração da saudade um dizer prenhe de inauditos; ao trasladar o que vai sendo *escrito*, o criador sustém incólume nesse ato a força de uma *linguagem* inaudível. Isto é o que vivencia o Abraão de Johannes de

<sup>11</sup> Cf. "Problemata I" in *Temor e tremor* (2009b).

**Em torno a Simeão Estilita: da poética ascética à poética da fé**  
CAMPOS, E. S.

*silentio*. O inaudito escutado pelo herói da fé sequestra-o para o silêncio de um *segredo*. Contudo, a guarda do segredo não é justificada por um comprometimento moral-religioso com Deus; o *temor* de Abraão não se deve a uma espécie de "medo" diante do divino que lhe sobrevém como ameaça para que o pacto de silêncio seja mantido. A *linguagem* que o mobiliza guarda um segredo, mas não um que poderia ser dito se quisesse, mas que, por vontade própria, prefere ocultar. O segredo que cala a voz de Abraão é inefável. Isto é: não significa que ele não diz porque não queira dizer, mas, sim, porque não *pode* dizê-lo, não apenas para outro homem, mas também para si mesmo. E se o segredo não pode ser dito para outrem nem para si mesmo deverá então ser consumado na *criação* que mostra/diz o *impossível da língua* a cada momento de criação. O seu *segredo* não é da mesma natureza do segredo de Agamenon, que se manteve como "herói trágico" no campo moral. Abraão persegue diligentemente os mistérios da *fé*, e, portanto, não está localizado em lugar algum.

A palavra inaudita que move o “cavaleiro da fé” é traduzida por ele através da linguagem amorosa do sacrifício. Não escreve a letra da poesia na forma de um poema, mas realiza poeticamente em sua vida as inscrições de um caráter. O pergaminho de suas inscrições é a sua própria pele senil. A palavra dita no sacrifício abraâmico tem o mesmo caráter do traço do grande pintor e da letra do grande escritor. A gênese é a mesma: a irrupção de uma graça que leva o homem a um fazer gratuito – necessário. Dessa forma, o *drama* religioso de Abraão, gratuito e necessário, possui a mesma natureza da *arte*, pois toda arte, cuja ação é incondicional, toca a esfera do *religioso*. Como toda *poiesis*, a poética do *drama* abraâmico é gratuita: não serve para nada. Nem mesmo a justificativa segundo a qual a prova é prova “para” a fé – no sentido de um meio eficaz para verificação da autenticidade da paixão religiosa – serve como a finalidade do sacrifício, pois só a fé explica a fé. Não existe nenhuma fé que seja fora da prova e nenhuma prova que seja fora da fé, pois uma fé fora da prova é mera “crença” e uma prova fora da fé é “obra morta”. O pensamento desejoso de efetuar a separação entre a *prova* (sacrifício) e a *fé* já está presunçosamente empreendendo a tentativa de esquadrinhar, controlar, pela via da razão, a absurdidade do inaudito mistério contido no pedido de Deus a Abraão. A inconclusividade do ato sacrificial – a contenção de Abraão pelo anjo – mostra precisamente o caráter ambíguo de toda palavra gerada no e pelo segredo. Abraão é pai amoroso e infanticida; Deus mata e salva. Nesta ambiguidade, toda dialética operada pela *consciência* sucumbe na luta, na dia-lética da vida que não dá satisfação para ninguém. A vitalidade desta dialética mostra que no gume do punhal de um assassino

**Em torno a Simeão Estilita: da poética ascética à poética da fé**  
CAMPOS, E. S.

sangra a dor de um pai. Quem olha de fora não consegue ver, ao fim e ao cabo, se a fé que penetrou neste ato tão radical foi doença ou cura, “vírus ou vacina”. Mas quem desde dentro da prova olha pela fé, escuta, no que fora inoculado em Abraão, o mesmo inaudível. O que está em questão na palavra que diz o indizível do segredo inaudito não é a verdade ou falsidade da correspondência dos fatos, mas unicamente a *verdade que toma Abraão em sua liberdade exigindo dele a obediência pela fé*. Mesmo após a consumação dos fatos, a palavra fontal inaudita não se consuma nem será consumida em cada palavra ainda a ser dita.

Todo *grande* educador ensina a *escutar* esse inaudito, para além de todos os ditos consagrados e consumados na linguagem cristalizada do uso cotidiano. O educador, só ele, pode ensinar a *ver* o que co-move e dispõe para o movimento da própria *vida* singular. Ele jamais ensinará os conteúdos que preenchem o vazio do *nada*, mas apenas o próprio exercício de *desprendimento* dos conteúdos que impedem o *sentir*, anuviando o olhar.

## REFERÊNCIAS

BEUFRET, Jean. **Introdução às filosofias da existência:** de Kierkegaard a Heidegger. Tradução de Salma Muchail. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

ECKHART, Mestre. **O Livro da divina consolação e outros textos seletos**, 6ª ed., Petrópolis: Vozes, 2006.

HERÁCLITO. **Fragments:** pré-socráticos. Tradução de José Cavalcante de Souza, 1ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

KIERKEGAARD, Søren. **A Repetição:** um ensaio em psicologia experimental. Tradução de José Miranda Justo. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2009a.

\_\_\_\_\_. O Desespero humano. In: **Os pensadores**. Tradução de Adolfo Casais Monteiro. 1ª ed.. São Paulo: Abril Cultural, 1979a.

\_\_\_\_\_. **O conceito de angústia:** uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis. Tradução de Álvaro L. M. Valls. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2013.

\_\_\_\_\_. **Temor e tremor:** lírica dialéctica. Tradução de Elisabete de Sousa. Lisboa: Relógio D'água, 2009b.

\_\_\_\_\_. Temor e tremor. In: **Os pensadores**. Tradução de Maria José Marinho. 1ª ed.. São Paulo: Abril Cultural, 1979b.

**Em torno a Simeão Estilita: da poética ascética à poética da *fē***  
CAMPOS, E. S.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.